

ENTREVISTA:

JOÃO AZENHA

João Azenha Jr. é tradutor bem-sucedido do Alemão e do Inglês, com destaque especial para a literatura infanto-juvenil, área onde recebeu vários prêmios. Suas traduções incluem obras de autores como Isaac Asimov (*Enigmas dos viúvos negros*. São Paulo, Melhoramentos, 1991.) e Jostein Gaarder (*O mundo de Sofia*. Romance da história da Filosofia. São Paulo, Cia. das Letras, 1995). Ao mesmo tempo, Azenha tem atuação acadêmica pronunciada, tanto como pesquisador e autor de publicações sobre tradução quanto como professor e orientador. No momento exerce os cargos de coordenador do Curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas da FFLCH/USP e Presidente da Comissão de Publicações do CITRAT (Centro Interdepartamental de Tradução e de Terminologia) da FFLCH/USP.

Cadernos de Tradução: Qual foi a primeira tradução que você fez? Qual foi a mais difícil? Qual a mais gratificante?

João Azenha: Meu interesse pela tradução surgiu no último ano da graduação quando, à guisa de exercício, resolvi traduzir o conto *Schwere Stunde*, de Friedrich Schiller. Foi meu primeiro exercício de tradução e não poderia ter sido mais difícil. Dois anos mais tarde, já trabalhando como profissional, traduzi os *Conceitos Fundamentais da História da Arte*, de Heinrich Wölfflin, para a Editora Martins Fontes. Esse foi, sem dúvida, o meu trabalho mais difí-

cil, pois meus conhecimentos de alemão ainda eram incipientes e o livro era muito difícil. Dificuldades à parte, devo dizer que sempre me sinto muito gratificado quando termino um trabalho. As traduções têm me ajudado a atravessar fases difíceis e, sobretudo, têm ampliado meus horizontes. Eu gosto do que faço. Gosto de traduzir.

CT: *O sucesso do livro O mundo de Sofia facilitou a sua relação com a academia e com as editoras?*

João Azenha: Minha relação com as editoras tem sido sempre muito boa. Talvez porque estabelecida sobre as bases de muita sinceridade, ao menos da minha parte. Não sou do tipo de tradutor que se recusa a discutir as soluções encontradas, respeito os prazos combinados e o trabalho dos revisores. Acho que a tradução de *O mundo de Sofia* deve ser vista mais como uma consequência natural do meu processo de amadurecimento como profissional. Quanto à academia, às vezes eu me pergunto se ela me abre portas para o trabalho como tradutor, ou se é o contrário. Afinal, eu traduzo profissionalmente desde 1982 e ingressei na Universidade em 1990. Acho que as duas atividades se complementam. E essa sintonia de alguma forma me autoriza a falar sobre tradução com alguma segurança.

CT: *Sabe-se que O mundo de Sofia foi uma tradução indireta, isto é, o original foi escrito em dinamarquês, e a sua tradução foi do alemão. Como foi o processo de tradução? É viável a tradução indireta ou é um caso excepcional?*

João Azenha: Durante muito tempo, a chamada “via indireta” foi usada para que chegassem até nós autores de línguas ditas minoritárias ou exóticas. Não fosse o alemão, Ibsen ou Tchecov

talvez não tivessem o lugar que têm hoje na dramaturgia universal. O mesmo se pode dizer de autores russos e gregos que chegaram até nós através do francês. Pessoalmente, acho que será sempre assim: uma língua de menor prestígio num cenário de disputa e de sobrevivência lingüística utiliza-se de outra, que desfruta de autoridade, a fim de levar as idéias de seus autores para além de suas fronteiras. O fato de se traduzir diretamente da língua fonte não deve ser acoplado, contudo, a critérios de fidelidade, de proximidade de um original ou das idéias de um autor. O viés é inevitável em qualquer caso: se não for a língua que está servindo de ponte, serão os olhos do tradutor, o ideário da época, as condições de trabalho ou tudo isso junto. No que respeita à *Sofia*, o texto de partida sempre foi para mim o alemão. Aliás, a versão alemã foi indicada pelo próprio autor como sendo um ponto de partida a seu ver muito confiável. Foi com o aval dele que eu trabalhei o tempo todo. Quando surgir uma tradução da *Sofia* “direto do norueguês”, esse texto irá dialogar com o que já existe e assim por diante, num processo natural de releitura de tudo o que já se escreveu ou se disse.

CT: Você usa estratégias diferentes para as duas línguas (inglês e alemão), ou existem núcleos comuns a qualquer língua?

João Azenha: É claro que as línguas impõem dificuldades diferentes aos tradutores, já que a especificidade dos códigos é um fator condicionante da tradução. No entanto, há estratégias que são comuns, mas elas dizem respeito mais ao processo de tradução em si – leitura, análise, pesquisa, reescritura e crítica - do que às línguas envolvidas.

CT: *Você faz distinção entre tradução técnica e literária?*

João Azenha: Eu costumo dizer que entre as traduções técnicas e as literárias existem diferenças de grau, mas não de essência. Não existe uma tipologia de textos capaz de classificar os textos produzidos e em vias de produção de uma forma indiscutível e estanque. Os relatos de viagem ou certas descrições de botânica feitos no século passado, por exemplo, podem se transformar em peças literárias ao longo do tempo. Os contratos têm cláusulas ligadas a convenções e a práticas comerciais que são culturalmente marcadas. Um autor de literatura, por sua vez, pode escolher o discurso burocrático-administrativo para caracterizar um personagem e assim por diante. Os textos fluem de um tipo a outro, condicionados por inúmeros fatores. Ao tradutor são colocadas, portanto, tarefas que diferem entre si em grau, mas não em essência.

CT: *Historicamente, os primeiros tradutores no Brasil eram os escritores. Atualmente os que não são escritores também traduzem. Como você explica essa mudança?*

João Azenha: Acho uma evolução natural. Desde fins dos anos 70 a tradução deixou de ser um mero instrumento para ensino de língua estrangeira e muito se tem pensado e discutido sobre esse processo que intriga críticos, teóricos e leigos. Com a criação e a expansão de cursos de tradução, a consciência da profissionalização ganhou força e, a meu ver, está pronta para sair do papel e se integrar na vida de todos os profissionais que querem exercer plenamente sua cidadania. Escrever, disputar um espaço na capa do livro para o seu nome, colocar a autoria em discussão: esses são apenas alguns temas da agenda dos tradutores. Atividade de segunda-mão? Só quem tem de pagar os serviços do tradutor é que defende esse ponto de vista. Os tradutores precisam saber que se pararem dois dias

de trabalhar, quase todos os setores vitais da vida em sociedade ficarão estagnados. O que falta é articulação.

CT: No contexto do seu trabalho como tradutor e professor, qual das atividades lhe fornecem mais satisfação profissional?

João Azenha: As duas. E a elas eu somaria a pesquisa, a reflexão. Creio desfrutar de uma situação privilegiada, que me permite vivenciar - e não apenas tangenciar - o processo de tradução de pelo menos três perspectivas interrelacionadas, complementares. Eu não conseguiria falar sobre tradução hoje, se ela não fizesse parte integrante da minha vida há, pelo menos, 20 anos.

CT: Um tradutor precisa de talento? Tradução é dom? Precisa ser um escritor para traduzir?

João Azenha: Um tradutor precisa sobretudo de disciplina. Precisa dominar seus meios de expressão, afinar esse instrumento. À disciplina soma-se a humildade, que está intrinsecamente ligada a uma conscientização acerca dos problemas envolvidos nesse tipo de trabalho. Por último, na minha opinião, é preciso não ter medo de se expor. O texto que produzimos é um retrato do que somos num momento de nossa vida. Talento? Bem, eu prefiro falar em sensibilidade para perceber o mundo à nossa volta.

CT: Você traduz só prosa ou também poesia?

João Azenha: Minhas experiências com a tradução de poesia restringem-se a experimentos diletantes. Já cheguei até a publicar alguma coisa em colaboração com colegas, mas acho enorme o desafio de traduzir poesia. Será que aqui não poderíamos falar em um certo “dom”? Eu faço a pergunta, porque toda vez que traduzo

um poema fico com receio de que ele soe como “batatinha quando nasce ...”. Não sei avaliar esteticamente o poema traduzido. Não sou especialista nessa área. Ou o poema me agrada, me diz alguma coisa, ou não.

CT: Como você vê a relação tradução e ensino. Qual atividade lhe é mais onerosa?

João Azenha: Eu não conseguiria parar de traduzir em favor do ensino. E vice-versa também não. Meu procedimento em sala de aula tem suas bases na minha experiência fora dela. É muito bom ver que, aos poucos, os estudantes vão ganhando confiança em seu trabalho. Quer dizer, vão ganhando confiança em si mesmos, perdendo o medo de errar, de parecer ridículo diante dos outros.

CT: Os prefácios das traduções ainda são significativos como antigamente?

João Azenha: Acho que sim. Este é um dos espaços de que o tradutor dispõe para explicar a estratégia que adotou, para marcar os limites da sua leitura e fechar alguns flancos à crítica. Pena que tão poucos tradutores se utilizem disso, ou não consigam negociar com a editora esse espaço que é seu, mas que também revela a diretriz editorial. Acho que é uma questão de assumir publicamente um ângulo de visão em detrimento de outros.

CT: Qual é a tradução feita por outros tradutores que mais aprecia?

João Azenha: Eu não saberia dizer qual tradução eu mais aprecio. Desde que entrei para a universidade, não tenho mais tempo para

ler o que realmente gostaria de ler. Antes da universidade, eu mais traduzia do que lia para entretenimento. E durante a minha formação escolar básica, minhas leituras prediletas eram os autores de literatura brasileira. Conclusão: eu leio pouco tradução. É que eu não consigo descansar lendo. A leitura já preenche todo o meu cotidiano, faz parte do meu trabalho. Na hora de descansar, preciso usar outro código para sair do labirinto do verbal.

CT: *É possível sobreviver só traduzindo?*

João Azenha: Depende do tipo de tradução. Com a tradução para editoras, eu sobrevivi durante 7 anos. Mas essa é uma faixa de mercado muito sensível às mudanças macroeconômicas e aos planos mirabolantes de solução de problemas estruturais do Brasil. De outra parte, tenho colegas que deixaram a universidade para trabalhar só como tradutores, públicos ou para empresas. E se deram muito bem. Alguns deles muitíssimo bem.

CT: *A tradução literária é economicamente viável hoje em dia ou é paixão?*

João Azenha: Acho que a tradução de literatura, como meio de sobrevivência, tem de ser combinada com alguma outra atividade, com algum outro tipo de tradução. E é bom que seja, pois temos aí um contraponto. Feijão e sonho.

CT: *Como foi criado o curso de tradução na USP e como funciona? Qual é o principal enfoque do curso de tradução da USP? É possível dizer que existe uma escola de tradutores da CITRAT? É possível estabelecer um paralelo entre a USP e a PUC do Rio?*

João Azenha: O curso de tradução da USP foi criado em 1978 e desde então vem sofrendo constantes ajustes de percurso. Atualmente é um curso de pós-graduação *lato sensu* para graduados, com 2 anos de duração e uma carga horária de 720 horas. Quanto ao CITRAT - Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia -, seu objetivo aproxima-se mais, a cada ano, da pesquisa e da documentação. Sei que o curso da PUC do Rio é pioneiro em suas atividades, mas conheço pouco suas características. Esse é o mal: a gente ainda se conhece muito pouco no Brasil. Eu dou a mão à palmatória.

CT: Qual foi o passo de transição no processo de estabelecimento do curso de pós-graduação em tradução na USP?

João Azenha: Nós queríamos modificar o *status* do curso de extracurricular para curso regular. Pesamos os prós e contras, consideramos as especificidades do nosso público e do nosso corpo docente, consideramos principalmente as restrições institucionais e enveredamos por esse caminho. Acho que demos um passo importante.

CT: Qual é o espaço da interpretação no curso da USP?

João Azenha: Infelizmente ele não existe. Houve tentativas de se implantar um curso de interpretação, mas elas têm esbarrado sistematicamente em problemas institucionais: não há verba para a contratação de docentes especializados, nem para a infra-estrutura mínima de funcionamento, que – para alguns tipos de interpretação – é cara.

CT: Como está o mercado de trabalho? Onde os seus alunos se

inserir (na área da tradução literária, técnica ou administrativa)?

João Azenha: Algumas faixas do mercado continuam e continuarão ativas. Como temos alunos procedentes de diferentes áreas, muitos deles continuam atuando em suas próprias áreas e acrescentam ao seu trabalho o componente tradução. Para os que vêm de Letras, o caminho é mais difícil. Leva um tempo até o iniciante ganhar a confiança do empregador. Contudo, temos alunos brilhantes que, em pouco tempo, conseguiram trabalhos importantes junto a editoras e jornais. São Paulo ainda oferece opções de trabalho para o profissional competente e, sobretudo, responsável.

CT: O que você acha da tradução não ser uma área de pesquisa nos órgãos de fomento? Eles tendem a priorizar a tradução técnica ou a literária?

João Azenha: Acho que é mais um reflexo da desmobilização. Os tradutores precisariam se articular melhor, inclusive no interior das instituições de ensino, para que o peso de seu trabalho acabasse forçando um reconhecimento. Nesse sentido, todas as associações de profissionais são importantes e têm sua contribuição a prestar.

CT: Em qual linha de pesquisa o seu projeto está inserido?

João Azenha: Tenho trabalhado basicamente em duas vertentes: as condicionantes culturais da tradução técnica e a tradução de literatura infantil e juvenil de expressão alemã.

CT: Até que ponto as novas tecnologias auxiliam na tradução? Como você vê a tradução automática? Como o computador muda o papel do tradutor?

João Azenha: Eu acho que a informática ajuda o tradutor e muito. Do ponto de vista da tradução assistida por computador, acho que isso é óbvio: os bancos de dados, os editores de texto, os corretores ortográficos e gramaticais, as enciclopédias, dicionários etc. Mas eu confesso que tenho um fascínio especial pela tradução feita por computador. Ainda que a gente ria do produto final, ele é diferente de uma tela em branco. A atitude do profissional de tradução é outra: passa a ser a da crítica do trabalho de “outro”. E isso instaura uma perspectiva diferente.